



# DILEMMAS

Douglas Bock





## MENÇÃO HONROSA

CERTIFICAMOS QUE

**DOUGLAS BOCH**

RECEBEU MENÇÃO HONROSA NO  
PRÊMIO REDESCOBERTA DA LITERATURA  
BRASILEIRA 2000 NA CATEGORIA POESIA  
PELA OBRA *64 DILEMAS*

**Cult**  
REVISTA DE LINGUAGEM



EDITORA  
**ELDORADO**

COMISSÃO JULGADORA DA CATEGORIA POESIA

WALY SALOMÃO

NELSON ASCHER

CLAUDIO WILLER

***Prêmio Redescoberta  
da Literatura Brasileira – 2000  
Revista CULT***



# *64 Dilemas*

---

Douglas Bock

**DBOCK**

**[dbock@uol.com.br](mailto:dbock@uol.com.br)**

EDIÇÃO PRINCIPS

*60 exemplares artesanalmente  
encadernados*

***Capa:***

Daniel Alves Bock

*kaiserbock@yahoo.com*

***Encadernação:***

Arnóbio Washington Filho

*awfs@terra.com.br*

# 64 DILEMMAS

**Edição Princips**  
*60 exemplares artesanalmente encadernados*

**São Paulo, 14/01/2013-**



**OCTETO POÉTICO**

***OITAVAS DA MUSA QUE FOGE***



## DILEMA DA LÂMINA

Pegar a faca pela lâmina,  
a rosa pelo espinho.

A folha branca é um desafio,  
as palavras inúmeras e ariscas.  
Algumas, escolhidas e justapostas,  
cobrem a folha de intenções,  
depois a poeira cobre a página  
e, se o tempo for bastante,  
as intenções e a poeira se confundem.

Pegar a espada pelo gume,  
o amor pela saudade.

O encantamento dos versos  
(como num lance de dados)  
nasce dos parentescos fortuitos  
que as palavras guardam entre si,  
a revelia do bobo que se diz poeta.

Pegar o revólver pelo tiro,  
a vida pelo tédio.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre a lâmina ou o cabo*



## DILEMA DA AFIRMAÇÃO

É preciso ler poesia,  
entre atento e alheado,  
como quem reza um terço.

E preciso fazer poesia,  
entre crente e desconfiado,  
como quem reza uma prece.

É preciso viver a poesia  
com o desespero e a certeza  
de quem faz uma promessa.

É preciso amar a poesia  
com a devoção e o desejo  
de quem vai resgatar Helena.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre sagrado e profano.*



## DILEMA DA RESOLUÇÃO

Colocar num verso  
as dobraduras da alma,  
com a precisão e o assombro  
de quem constrói universos  
entrelaçados e paralelos.

Carregar nos lábios  
um verso infinito,  
variável e circular  
como a inextinguível fuga  
do murmúrio das ondas.

Mas fechar a boca,  
cerrar os dentes,  
selar as frestas da alma,  
congelar o coração  
e engolir o verso.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre um verso e o universo.*



## DILEMA DA ESCAMOTEAÇÃO

Há versos que morrem sem nascer,  
morrem sem um balbucio,  
sem emitir nenhum som.  
Morrem como morrem os óvulos  
nas trompas das mulheres virgens.

E talvez, como os óvulos,  
viesses impregnados de consciência cósmica.

Há sonhos que se esvaem deslembrados,  
se esvaem como os suores noturnos  
que molham as roupas e a alma.  
Se esvaem como se esvaem os fantasmas  
no brônzeo clarão da aurora.

E talvez, como os fantasmas,  
trouxessem respostas para os grandes mistérios.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre ser ou não ser.*



## DILEMA DE VIÉS TRIPLICE

Os homens usam,  
abusam,  
lambuzam  
a poesia.

Com todas as manchas,  
máculas,  
nódoas  
da vida

Questionam a ética,  
a estética  
eidética  
da poesia

Fogem para mosteiros,  
cruzeiros,  
puteiros  
da vida

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre mosteiros e puteiros.*



## DILEMA DA POESIA TRÂNSFUGA

Que rastro permanece  
por onde a poesia passa?

O brilho de um meteoro  
que encolhe a cauda e se afasta?

A lógica justa da rosa  
que se completa e se basta?

A lâmina de um canivete  
que dentro do cabo se engasta?

O musgo na face da pedra  
que lentamente se alastra?

A carícia dos dedos da sombra  
inocorrível e casta?

A cicatriz deixada na popa  
que a próxima onda desgasta?

O desenho apagado da lua,  
que no céu azul se esgarça?

A remota saudade de Helena,  
numa pira de perfume e sarça?

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre o rastro e a bússola.*





## DILEMA DO VESTIBULAR

Todo momento é carregado de poesia  
e as palavras são o melhor meio de captá-la.

Nem todo momento é carregado de poesia,  
porém as palavras as vezes conseguem captá-la.

Nenhum momento é carregado de poesia  
por isso as palavras nunca conseguem captá-la.

Todo momento é carregado de poesia,  
porém as palavras nunca conseguem captá-la.

Talvez alguns momentos contenham alguma poesia.

Talvez haja poesia escondida nas palavras.

Não existem palavras capazes de captar poesia.

Não existe poesia em nenhuma palavra

Não existe poesia nem palavras.

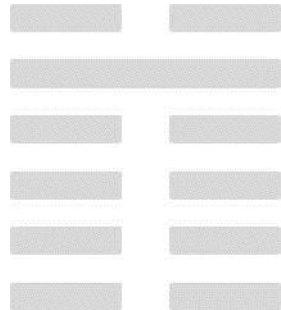
*Quem dera que toda escolha fosse  
nenhuma das anteriores.*



## DILEMA DA COMPULSÃO

Tirem as mãos deste texto,  
antes que, no afã de exumar o talento,  
seja revisto e retocado  
tanto e tantas vezes  
que as fibras da inspiração  
(se é que houve) se esgarcem  
e reste apenas um pó de poesia  
para lembrar o fugidio  
momento poético  
que o poeta viveu  
mas não soube capturar.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre a poesia e a vida.*



**OCTETO MITOLÓGICO**

***OITAVAS DA MATÉRIA DA ALMA***



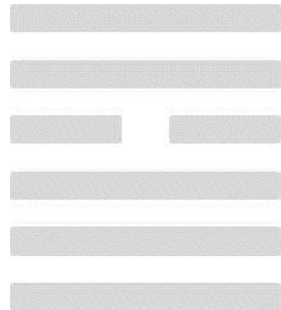
## DILEMA DA ALMA E DO ESPÍRITO

A *res cogitans* não é pura,  
é mescla escura,  
perene conflito:  
judia é a alma,  
grego o espírito.

Quando a solar certeza  
e a apolínea beleza  
na razão prepondera,  
o espírito grego avança  
e a alma judia espera.

Quando o eterno invade  
a transitoriedade  
da vida que passa,  
a alma judia fulgura  
e o espírito grego se embaça.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre gozo e remorso.*



## DILEMA DE HELENA

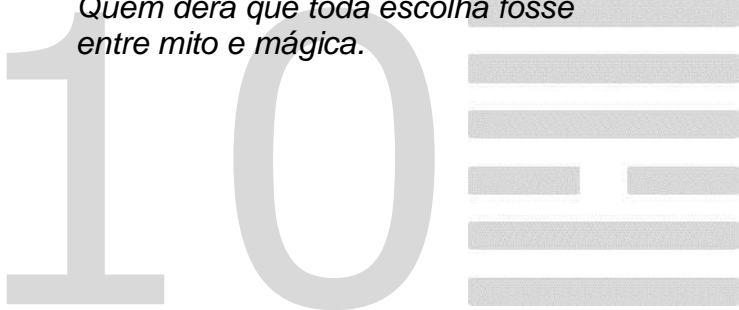
Helena raptada,  
na alcova exilada  
meneia  
as ancas  
no palco da guerra.

Helena desavisada,  
na alta amurada  
passeia  
sestrosa  
no calor da guerra.

Helena resgatada,  
na proa inclinada  
enleia  
as tranças  
na cena da guerra

Helena mitificada,  
tudo que é nada,  
vagueia  
por toda  
poesia da terra.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre mito e mágica.*



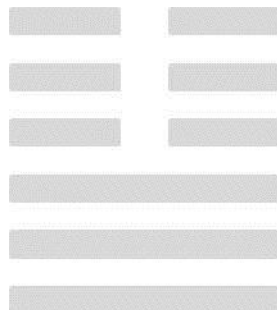
## DILEMA DISSIMÉTRICO

O olhar de Helena *atravessa* o homem  
como a espada *atravessa* o corpo de quem duela.  
Ou *atravessa* com enlevo  
de luz *atravessando* capela.

O corpo de Helena *recebe* o homem  
como a terra *recebe* o grão que semeia  
Ou *recebe* com a dor  
de veneno *recebido* na veia.

O desejo de Helena *invade* o homem  
como o tirano *invade* um povo liberto.  
Ou *invade* com a frescura  
da água *invadindo* o deserto.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre o prazer e a dor.*



## DILEMA DA VANGLÓRIA

Canto a guerra passada  
que se expande na memória,  
com desvio para o vermelho,  
manchada de sangue e vanglória.

Canto a muralha de pedra  
comida pelas traças do nada.  
Invadida de medo por dentro,  
por fora de medo tomada.

Canto a princesa cativa,  
Origem e causa da história,  
de trágico amor insuflada.

Canto o cavalo de pau,  
a rota e absconsa vitória  
da cidade incendiada.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre utopia e História.*





## DILEMA DO ÓCIO

Há um momento para tudo  
e o ócio que entremeia.

Helena sabia  
que as igrejas eram frutas secas,  
sabia  
que a lua era uma gema lapidada,  
sabia  
que os mitos e as memórias  
se alastram feito musgos.

... Mas este é o momento do ócio.

Cleópatra à beira do Nilo molha os pés.  
Helena vende perfumes.  
Deus planeja.  
... E o homem se interroga.

As respostas e os planos, a Esfinge,  
na secular contemplação de Deus,  
sabe.

Cansado e túbio vem Édipo não rei  
carregando sua glória inglória.

Helena vive o presente,  
seu futuro é inexistente  
e construí-lo custará tanto...

Seu olhar verde  
contempla o Sol,  
que um dia se apagará.

Quanto é  $2 + 2$ ?  
Quem Helena ama?  
Para onde vamos?

... Mas este é o momento de ócio.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre o trabalho e o ócio.*

## DILEMA DA TORRE DE BABEL

Quem faz nossa cabeça  
como uma Torre de Babel.  
Um desenho lúdico,  
labirinto de desvios e desvãos?

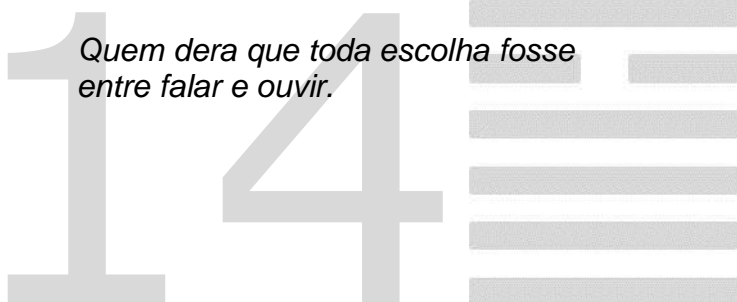
Que secreto algoritmo  
gera nossas ideias?  
Alheias e estranhas,  
perdidas na ambivalência  
de negar e aceitar.  
Caleidoscópio de desejos e dúvidas.

Quem cria a regra reguladora,  
o superego, a superestrutura?

Porque a janela subitamente  
se abre para o abismo?  
Se cada tijolo é necessário,  
por que a construção é contingente?

Retirar os andaimes,  
mostrar o edifício  
no despojamento das linhas,  
deixar que a senso se imponha,  
que a beleza se instaure.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre falar e ouvir.*



## DILEMA DA LUA DÚBIA

Viajamos na arca azul  
conduzidos pela inércia,  
sem mapa e sem bússola,  
sem teleologia nem pressa.

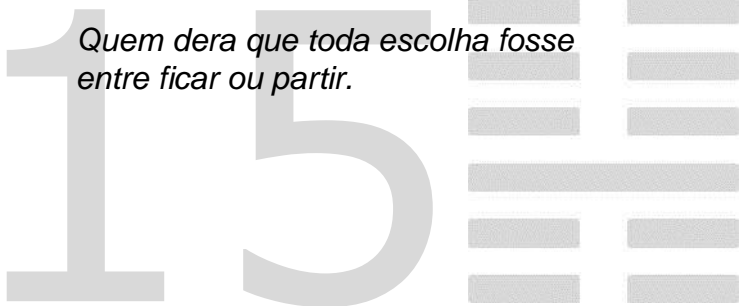
Na arca sem comandante,  
somos todos passageiros.  
Um bando confuso e errante,  
de exilados e estrangeiros.

Mandamos pombas de aço  
procurar flores na lua,  
a sentinela do nosso exílio,  
indevassada, mas nua.

Uma face que nunca vemos  
mira o infinito e medita.  
Outra face, sempre mutável,  
indiferente nos fita.

Dúbia esfinge bifronte  
com olhos de pedra vigia,  
compara o cosmo eterno  
com nossa fugaz agonia.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre ficar ou partir.*



## DILEMA DAS TRÊS GRAÇAS

A Fofa de Botero:

*a linha de sua bunda  
submissa à dobra de sua blusa  
sobe,  
e em contorções e curvas não algebrizáveis  
prorrompe nos seios  
que intumescidos  
forçam a malha  
mostrando a intimidade da trama.*

\*\*\*

A Vesga de Modigliani:

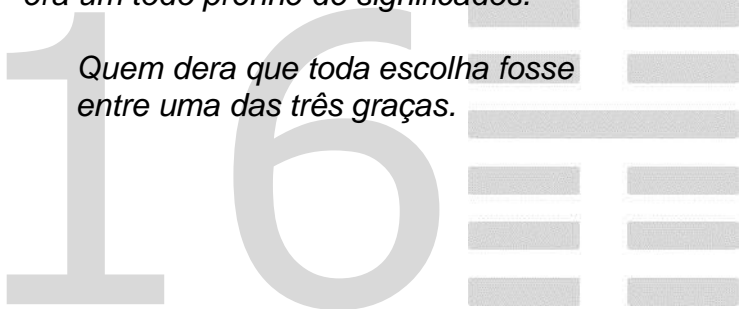
*o verde dos teus olhos enche o saco,  
porque a todos ignora,  
alheios, vagam entretidos  
buscando pontos erráticos  
além das paralelas euclidianas.*

\*\*\*

A Sonsa de Toulouse-Lautrec:

*como um móbile,  
o sorriso demorava a se completar,  
não obstante,  
cada parte dele  
era um todo prenhe de significados.*

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre uma das três graças.*



**OCTETO INTEMPESTIVO**

***OITAVAS DO TEMPO DESGASTADO***



## DILEMA DA AMPULHETA

Na ampulheta  
o tempo,  
transubstanciado em areia  
escoa.

E o futuro,  
grão a grão,  
se acomoda no passado.

Porém é o homem  
que na sutil confluência dos bulbos  
se desgasta.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre passado e futuro.*



## DILEMA DA DURAÇÃO

No silêncio perduram  
a intenção  
e a palavra calada.

Na saudade perduram  
a ausência  
e a lembrança guardada.

Na batalha perduram  
a vitória  
e a derrota adiada.

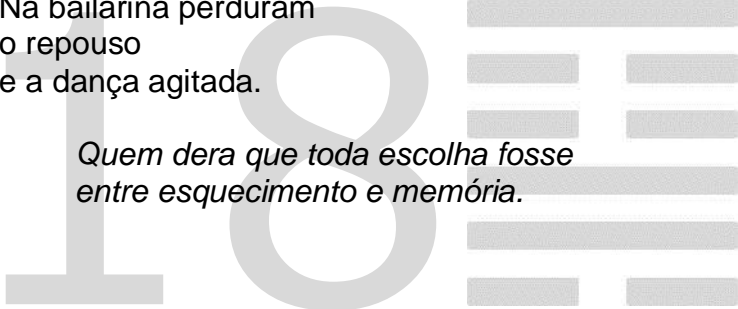
No mastro perduram  
a árvore  
e a folha envelada.

No mar perduram  
os rios  
e os terra salgada.

Na moça perduram  
a menina  
e a criança mimada.

Na bailarina perduram  
o repouso  
e a dança agitada.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre esquecimento e memória.*





## DILEMA DA MEIA-NOITE

Oferecer ao filme  
a atenção volátil  
de quem quer pegar no sono.  
Nem mais nem menos,  
a justa medida.

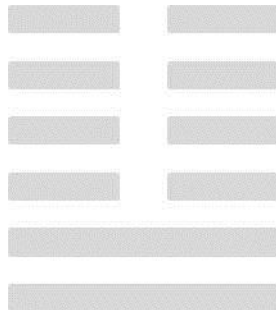
Emendar os filmes, os sonhos e a vida.  
Como um montador que sabe  
que toda história é infinita.

Que as memórias coletivas,  
como os musgos,  
aderem nos celuloides.

Enquanto,  
espectros e fantasmas  
revividos pela luz  
habitam entre nós.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre drama e comédia.*

19



## DILEMA DO RELÓGIO

Verdadeiramente importante  
é viver o hoje até desgastá-lo.  
Não dá para viver restos de ontem  
nem antegozar o amanhã.  
Hoje é matéria do ontem  
e forma do amanhã.  
Ontem, hoje e amanhã tecem a eternidade.

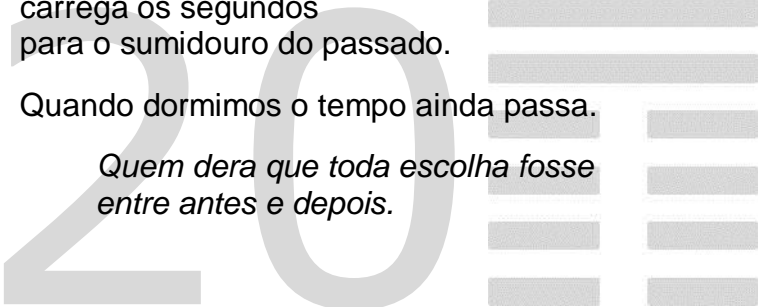
Nas voltas  
do ponteiro  
o tempo passa.  
O relógio analógico  
captura seu rastro.  
Enquanto o corpo se desgasta.

Ninguém pode justificar erros dizendo: Foi ontem.  
Hoje é o amanhã do ontem.  
Hoje, ontem e amanhã? O que são?  
O tempo é cíclico e contínuo,  
segmentados são os atos humanos.

Fosfórico,  
carente de tic-tac,  
com certeza de cristal,  
o relógio digital  
carrega os segundos  
para o sumidouro do passado.

Quando dormimos o tempo ainda passa.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre antes e depois.*



## DILEMA IMPRECISO

Quem dera um céu listrado,  
estampado, de bolinhas  
ou de xadrez escocês.  
Não essa redundante  
repetição de azul.

A enorme águia bicéfala  
olha os dois lados do corredor  
enquanto a serpente  
sorradeira se arrasta  
entre as flores do paraíso.

*A boca de Helena,  
fresca de luz da lua,  
pintada de batom grená,  
disse um palavrão  
e mandou um beijo.*

Quem, por sobre o ombro da alma,  
observa nossos percalços?

No último dia da criação,  
Deus cansado de criar  
criou um novo deus para substituí-lo.

*Como Proust sabia,  
dos cinco sentidos,  
o paladar  
é o mais próximo da memória.*

Igual a maçã,  
o pecado tem gosto doce.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre liso e estampado.*



## DILEMA DOS MOTIVOS

Na ponta da corda do enforcado  
pende o sentido de sua vida.

Depois da morte da maçã  
é que germina  
a semente que ela continha.

Amplidões, horizontes?  
Dentro do peito  
guardamos nossos limites.

*Para Camus,  
morto num acidente,  
a única questão  
transcendente  
era o suicídio.*

A alegria no homem  
devia ser como uma fonte  
que flui tendo ou não motivos.

A maçã nasceu, cresceu,  
sazonou-se e foi comida.  
Isso é uma história cumprida?

A vida é uma corda,  
quando retesada,  
arco;  
quando frouxa,  
látigo.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre ter ou não motivos.*



## DILEMA MÍSTICO

Uma roseira de chamas  
com corolas iridescentes,  
buquês de tochas perfumadas.  
Pétalas e labaredas,  
espinhos e brasas,  
sangue e queimaduras.

Florescem na primavera,  
incendeiam,  
crepitam botões e fagulhas.  
Fenecem no outono,  
se apagam,  
galhos secos e folhas mortas.

Sarças ardentes,  
rosáceas de chamas,  
fragrâncias ígneas.

Uma fogueira de flores,  
incenso, aroma e fumaça.  
Uma pira funerária.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre a vida e a morte.*



## DILEMA DO JUÍZO FINAL

Nas extremidades do tempo  
há soluções para todos os problemas.

Ou o tempo é cíclico?

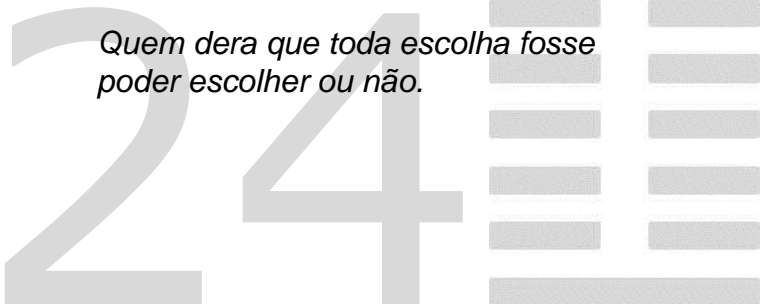
Será que ainda veremos  
a sagração de mais algum deus?

Será que a história continua  
depois do juízo final?

*Helena, de lunar beleza,  
pele de papel,  
cabelos negros,  
fogos de artifício nos olhos  
e jeito de gueixa.  
Guarda,  
atrás do leque,  
sementes de luz e sombra  
para recriar o mundo.*

Nem tudo é mentira,  
nem tudo verdade,  
mas viver custa tão caro.

*Quem dera que toda escolha fosse  
poder escolher ou não.*



**OCTETO CIENTÍFICO**

***OITAVAS DA RALA SABEDORIA***





## DILEMA DA PEDRA E DO NADA

Uma pedra no caminho,  
no caminho colocada.  
Da pedra só vem o pó,  
do pó não vem mais nada.

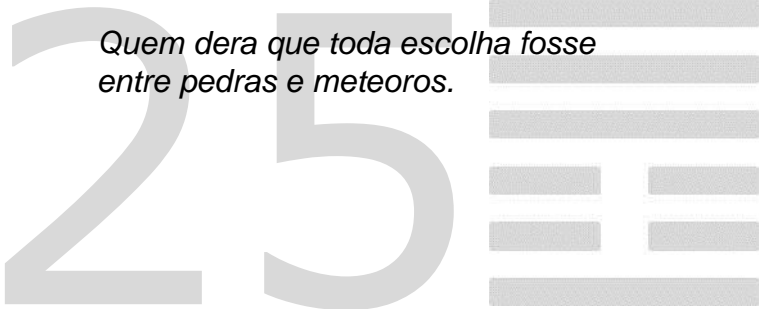
Uma pedra na muralha,  
entre outras encaixada  
com o tempo vira pó,  
virando pó vira nada.

Uma pedra no fundo do rio  
erodida e desgastada,  
pouco a pouco vira sal,  
salobre é o gosto do nada.

Uma pedra no espaço,  
na inércia engastada,  
tem o fim dos meteoros:  
fogo, poeira e mais nada.

Uma pedra de pura matéria,  
rija, dura e pesada.  
Efêmera estrutura  
invadida pelo nada.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre pedras e meteoros.*



## DILEMA DE PORCELANA

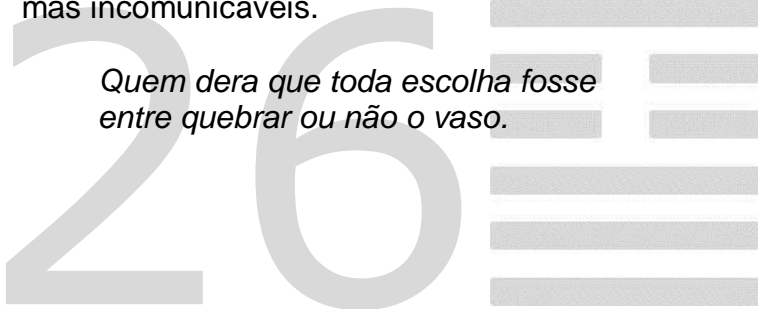
Buscar,  
entre os desvios e desvãos da memória,  
os devaneios e desvarios.  
Porque nada custa  
ir além dos limites  
quando os palpites  
valem mais que a ciência.

Crenças e desavenças,  
religião e revolução...  
Cicatrizes do mundo,  
saco sem fundo  
de angústias e gatos.

Perseguir uma boiada no céu,  
sonhos de porcelana,  
vida desenhada nos azulejos,  
frágeis e indelévels.

Andar ao léu  
tabulando efemérides  
medianamente cômico  
de que os outros  
são universos gêmeos  
mas incomunicáveis.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre quebrar ou não o vaso.*



## DILEMA DE SILÍCIO

O pensamento de silício  
é de verdade  
ou mero artifício?

O pensamento de silício  
tem compromisso  
com o rigor silogístico?

O pensamento de silício  
talvez seja apenas  
um pensamento de cilício?

O pensamento de silício  
é um simples e banal  
atributo do cristal?

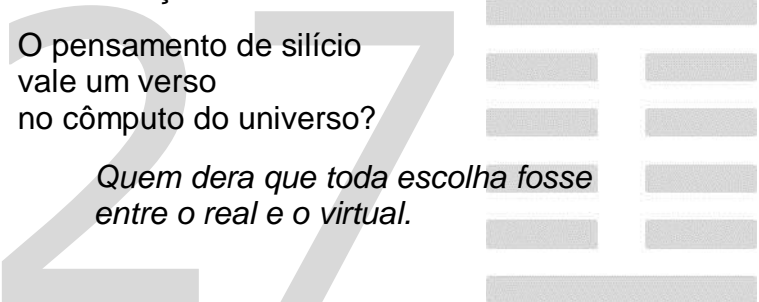
O pensamento de silício  
conhece a formuleta  
do voo da borboleta?

O pensamento de silício,  
visto por dentro,  
tem sentimento?

O pensamento de silício  
é o vírus letal  
da civilização ocidental?

O pensamento de silício  
vale um verso  
no cômputo do universo?

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre o real e o virtual.*



## DILEMA DAS ANTINOMIAS

Não se devem temer as antinomias,  
são impasses ocultos,  
manias de loucos.  
Têm a obviedade das simetrias,  
desastradas anomalias  
feito amar e sofrer.

Antinomias são cordas distendidas,  
cabos de guerra,  
desencontros e teimosias,  
perpétuas cicatrizes  
que marcam a face do mundo.

A antinomia é uma armadilha  
para atrair interrogação.  
Um nó de ideias  
que teme a palavra exata  
e, sobretudo, abomina  
a simpleza das rimas em 'ão'.  
Sim ou não?

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre preto e branco.*



## DILEMA DA SINGULARIDADE

Uma borboleta afoita  
pousa num risco de giz,  
efêmera e feliz.

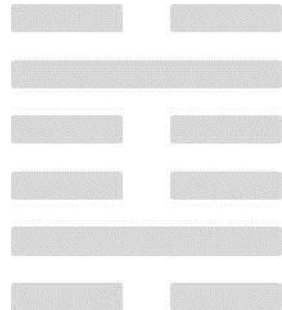
A singularidade fugaz  
de um sonho realizado.  
Interdito como o pecado.

*Como um móbile,  
o sorriso de Helena  
demorava a se completar.*

A borboleta levanta voo:  
a cor em movimento.  
Fixas são as ideias,  
móvel o pensamento.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre a lógica e a fantasia.*

29



## DILEMA DA LÓGICA E DA FORMIGA

Quatro as fases da lua.  
Sete os dias da semana.  
Trinta e dois os dentes da boca.  
Os números são precisos e absolutos.

É lógico que a rosa é lógica.

Dez os pecados capitais.  
Doze os apóstolos.  
Quarenta os dias de dilúvio.  
Os números são vagos e esotéricos.

É lógica uma formiga rósea?

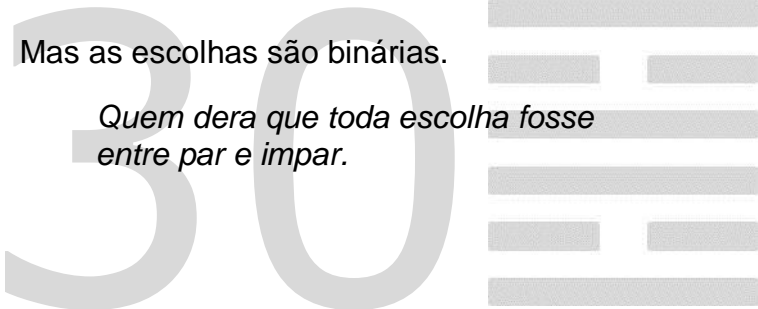
Seis as cordas do violão.  
Quatorze os versos do soneto.  
Sessenta e quatro as casas do xadrez.  
Os números são contingentes e aleatórios.

Formigas têm lógicas róseas.

Número é tudo.  
Quatro, sete, trinta e dois.  
Dez, doze, quarenta.  
Seis, quatorze, sessenta e quatro.  
Tudo é número.

Mas as escolhas são binárias.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre par e ímpar.*



## DILEMA DA BELEZA E DA VERDADE

A rosa não traz verdade,  
a rosa só traz beleza.  
Nem tudo pode trazer verdade,  
mas tudo pode trazer beleza.

O caminho das formigas até as rosas  
tem a contorcida certeza  
da sabedoria feminina,  
ou da água descendo a colina.

As formigas, como as rosas, são simples.

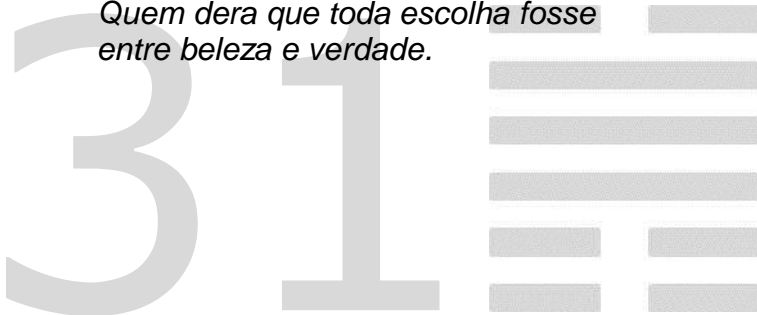
Gente para ser gente  
precisa ter pensamentos.  
Flor para ser flor  
precisa ter perfume.

O perfume não explica a flor.

Pensamentos e perfumes  
perplexidades e plenitudes.

As rosas, como as formigas, são complexas.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre beleza e verdade.*



## DILEMA DAS DUAS VERDADES

Não existem muitas verdades,  
as verdades são uma ou duas,  
o resto é engodo, ilusão e arremedo.

Normalmente  
quem porta a verdade  
não é o urro,  
mas o sussurro.

Uma verdade é suficiente  
para preencher a vida?  
Será que mesma vida  
pode conter duas verdades?

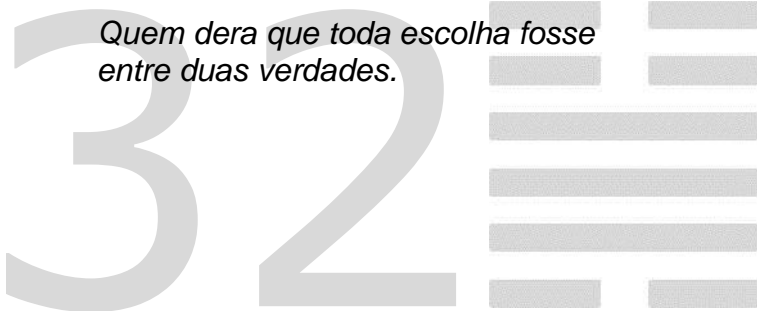
*Todos os versos de Homero  
são ondulações fosforescentes  
no horizonte de eventos de Helena.*

Deus é uma verdade,  
creia-se ou não Nele.

Só existem duas verdades:

- a) existem verdades,
- b) elas são duas.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre duas verdades.*





**OCTETO LÚDICO**

***OITAVAS DAS BRINCADEIRAS***



## DILEMA DA CRIANÇA FELIZ

O vento sopra  
e o papagaio se transforma:  
de sonho e papel colado,  
mais linha de retrós,  
em dragão alado  
e feroz.

O vento sopra,  
mantendo no ar  
o papagaio aprendiz,  
preso por uma linha  
a uma criança encantada  
e feliz.

Quanto mais o vento sopra,  
mais o dragão se agita,  
mais a criança ri.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre piões e papagaios.*



## DILEMA DO SAPO

Um sapo coaxa.  
Um sapo verde  
namora uma estrela  
e coaxa triste.  
Um dia vai morrer  
sem grande perda para o universo.

*Na choupana perdida  
Helena levantou,  
esquentou o café e tomou.  
Foi até a janela  
e ficou olhando o luar  
que se derramava no campo.  
Naquele momento  
uma estrela cadente caiu.*

O olho que olha o céu  
um dia ficará cego,  
porém a Lua continuará brilhando.

Um sapo beijado vira príncipe.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre sapos e príncipes.*



## DILEMA DOS CATA-VENTOS E PARA-RAIOS

Felicidade é ser como o cata-vento  
que vive do movimento.

Quem tem medo de grandes transformações,  
faça pequenas mudanças.  
Iguaçus assombram o mundo  
e córregos enfeitam o caminho.

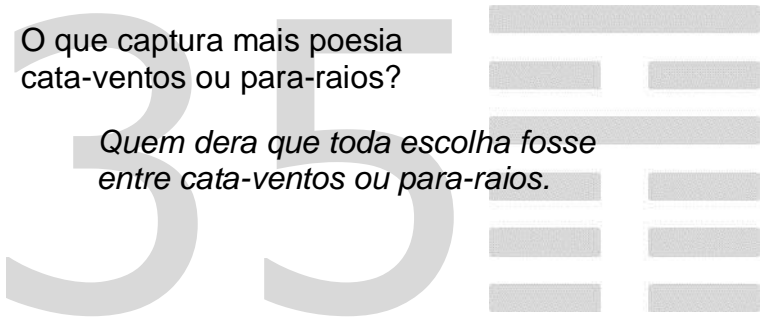
O melhor ator  
é transparente.  
Através dele  
o outro aparece.  
Funde no mesmo grito  
o medo seu  
e do mundo.

Imagine que o vermelho  
da pétala da rosa  
foi parte da terra  
que cerca a raiz.

Depois da bailarina  
deixar o palco,  
na lembrança  
perpetuamente dança.

O que captura mais poesia  
cata-ventos ou para-raios?

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre cata-ventos ou para-raios.*



## DILEMA DO LOBO

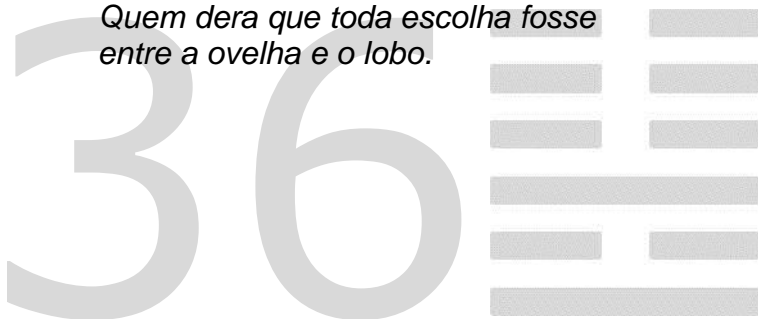
Um lobo banido das fábulas,  
posto fora da história, sem destino,  
perdido da alcateia, sem domínio,  
que desconfiado  
fareja.

Tem no coração uma borboleta,  
tonta como as leis da Natureza,  
lúdica como a razão e a incerteza,  
que despreocupada  
adeja.

Sutil ambiguidade que aflora as vezes,  
quando a garra alisa a ovelha alva  
e sente na ponta da unha a carne viva,  
que assustada,  
lateja.

A luta pelo controle do ato é o desafio  
que ao mesmo tempo incita e amarra.  
Tomara a borboleta comande a garra,  
por um momento,  
que seja.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre a ovelha e o lobo.*



## DILEMA DO MUSGO E DA MEMÓRIA

Naqueles tempos,  
de sapos e princesas,  
nas horas de lusco-fusco,  
as pedras cochichavam  
trocando histórias.

Uma repetição sem fim  
de lendas velhas  
para ouvidos novos,  
até que os mitos e os musgos  
marcassem as faces das pedras.

Porque nas pedras  
as memórias se aderem  
nas superfícies rugosas  
como musgos renitentes,  
acumulando sabedoria  
e lhes mudando a cor.

Os musgos são as certezas das pedras.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre o lusco e o fusco.*



## DILEMA DO VENTO

O Vento,  
enroscado nas árvores,  
demora.

Os galhos  
guardam fiapos de sussurros  
e adeuses.

De dentro do bosque-harpa  
vem notícias extravagantes  
de espectros e fantasmas  
coabitando com homens.

Criaturas que conhecem  
a linguagem dos musgos  
e gostam de misturar  
suas almas com as árvores  
para se alimentar de música.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre formigas e a cigarras.*





## DILEMA DO TRAPEZISTA E DOS GRIFOS

Os Grifos habitam as fotografias antigas  
e o fundo do olho das pessoas  
que só acreditam no Real.  
Detestam filmes e fotos coloridas  
e odeiam a cor e o movimento.

Criaturas anacrônicas e obsoletas,  
gárgulas de nitrato de prata.  
Moram nas manchas escuras  
e na ilimitada amplidão do mito.

Os Grifos, absconsos e pesados,  
refletidos no líquido olhar alheio,  
inventam ameaças  
que o Moço do Trapézio Voador enfrenta  
colorindo as fotos e brincando nas cordas.

O Moço do Trapézio Voador  
imita borboleta no voo do trapézio  
e provoca os ogros bidimensionais.  
Persignados os Grifos espreitam o moço,  
fascinados pelo movimento isócrono e letal..

Nos saltos mortais,  
no vórtice da vertigem,  
o Moço do Trapézio Voador contesta  
a vida agônica dos Grifos.  
Habitantes do chão e da terra,  
binários, prisioneiros da gravidade.  
Inimigos do volátil, do móvel e do etéreo,  
das cores vivas e das fosforescências.

No balanço do trapézio o moço levanta voo  
e os Grifos permanecem desbotadas ameaças.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre pão e circo.*

## DILEMA DO MAR INTERIOR

Na casa de janelas verde malva  
que se abrem para o mar interior  
tudo é disposto em grupos de três.

Três as poderes que a dirigem,  
três as dimensões conhecidas,  
três as refeições do dia.

Três os tempos verbais,  
três as caravelas de Colombo.  
três as Marias do céu.

Três os empiristas ingleses,  
três os idealistas alemães,  
três os lógicos vienenses.

Três os filhos de Inês,  
três os filhos de Noé,  
três as filhas de Liar.

Três os botões de Cristo,  
três as cruzes na colina.  
três as negações de Pedro.

Três as graças da Grécia,  
três os maridos de Helena,  
três as deusas do pomo,

Três os dias de julgamento,  
três os dias de morte,  
três as velhas que tecem.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre três alternativas.*



**OCTETO FILOSÓFICO**

***OITAVAS DAS OBVEDADES***



## DILEMA DE QUIXOTE

As leituras enlouquecem,  
fiel escudeiro,  
fiapos de memórias  
sempre se enroscam  
em nossas cabeças.

Parecemos caracóis  
condenados a carregar  
as conchas nas costas.

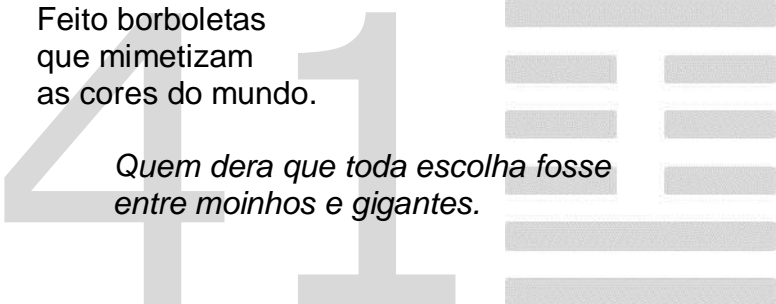
As ideias são efêmeras,  
teimoso escudeiro,  
não cabem nas folhas,  
grudam mal nos papéis  
e se esfarelam na realidade.

Parecem serpentes  
que mudam de pele  
cada vez que crescem.

A lembrança é elusiva,  
leal escudeiro,  
vela as fotografias,  
falseia cores e formas,  
faz tudo parecer sonho.

Feito borboletas  
que mimetizam  
as cores do mundo.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre moinhos e gigantes.*



## DILEMA DE SANCHO

As leituras pesam,  
ilustre fidalgo,  
como conchas de caracol  
que crescem dia a dia  
para conter as lembranças.

Vírus de memórias  
contaminam a razão  
e intumescem as ideias.

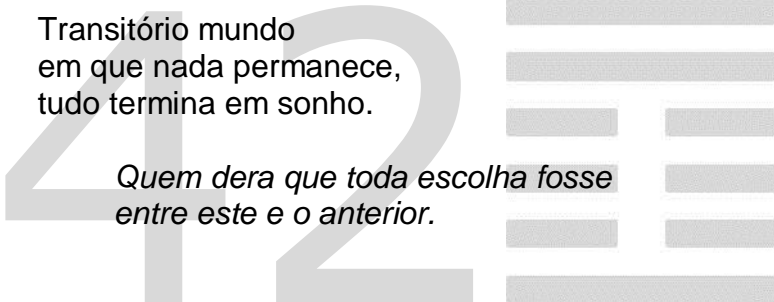
A sabedoria incomoda,  
engenhoso fidalgo,  
como pele de serpente,  
que não cresce junto  
e é preciso deixar para trás.

Ressequidos pensamentos  
que escapam das páginas  
e viram pó de verdade.

A imaginação é volátil,  
errante fidalgo,  
como a borboleta  
que usa cores e formas  
para mimetizar o mundo.

Transitório mundo  
em que nada permanece,  
tudo termina em sonho.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre este e o anterior.*



## DILEMA DO MOVIMENTO

Um córrego agitado cruza o caminho.  
Devemos molhar os pés ao atravessá-lo?

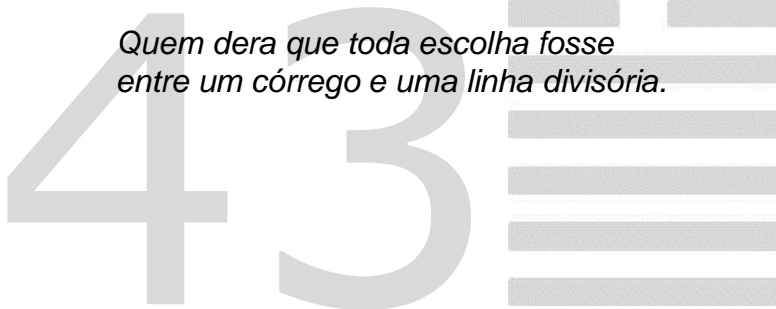
Tudo que é estático trai o sentido da vida.  
É destino do homem subir, ascender, voar  
(como os papagaios, anjos e meteoros),  
evitar o perpétuo perigo da Queda.

O repouso é um estorvo  
na dança da bailarina.  
O silêncio é um hiato  
na música que predomina.  
O suicídio é um atalho  
que a religião abomina.

Um anjo caído,  
é um homem arrependido.  
Um meteoro caído  
é um bólido enegrecido,  
Um papagaio caído,  
é cola e papel colorido.

Um córrego que para de correr  
vira uma cicatriz na face do mundo.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre um córrego e uma linha divisória.*



## DILEMA DA ANDORINHA

Palavras, palavras, palavras...

Fatos, fatos, fatos...

Números, números, números...

Ilusões, ilusões, ilusões...

O caminho traçado pelas formigas  
não tem nenhuma lógica.

Qual o secreto algoritmo  
que arranja as pétalas da rosa.

A migração das andorinhas  
não é uma fuga, é uma busca.

Uma andorinha só...

... é triste.

E o que faz verão

é a posição da Terra em relação ao Sol.

As pétalas são redundantes  
mas o perfume da rosa é necessário.

Três coisas que nunca estão juntas:  
formigas, lógica e rosas.

Mas e daí? Foi por causa disso  
que o príncipe raptou Helena?

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre Aristóteles e Platão.*





## DILEMA DO CARACOL

É bom mudar de ponto de vista,  
olhar o mundo como um caracol  
e se surpreender lentamente.  
Descobrir a importância das coisas  
e as coisas importantes.

O mundo não gira à toa,  
nem gira em torno de ninguém,  
nem é o movimento de rotação  
que nos deixa tontos.

Bilhões de pessoas correm, gritam e falam  
sozinhas, de si e para si;  
bilhões de pessoas percorrem caminhos  
tecidos por um tear desregulado  
controlado por um bobo,  
vazio de senso  
e cheio de som e fúria.  
Um painel febricitante  
que conta uma história óbvia  
e de moral duvidosa.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre a estrela e o grão de areia.*



## DILEMA DA CAUSA E EFEITO

Toda decisão humana  
vem de outra decisão.  
Tudo depende de tudo,  
nada é contingente.

Para o equilíbrio do mundo  
são imprescindíveis  
o gênio matemático  
e o primeiro fruto de outono.

Todo equilíbrio é precário.

*Helena, ébria e enlucrada,  
matou um caracol,  
por isso foi condenada  
pela lei da causa e efeito.  
Bem feito.*

Idêntico fogo  
funde o ferro  
e ferve o feijão.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre causas e efeitos.*



## DILEMA DOS HAICAIS

A rima  
como um imã  
palavras aproxima.

Poente de outono:  
Natureza em vermelho  
com frio e com sono.

Não errar nada,  
não acertar tudo,  
mas ficar na estrada.

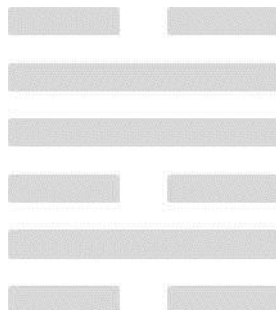
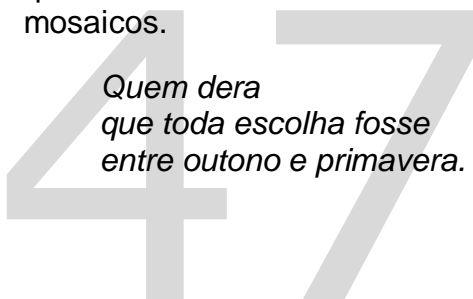
Guerra e religião:  
todo bronze é pouco  
para sino e canhão.

Controverso  
como uma palavra  
mal encaixada no verso.

A arma na mão  
instaura a diferença  
entre razão e desrazão.

É com cacos  
que se constroem  
mosaicos.

*Quem dera  
que toda escolha fosse  
entre outono e primavera.*



## DILEMA BARROCO

O caminho sob o Sol do meio dia é maior,  
porque o olhar que avalia a distância  
já soma o cansaço de percorrê-la.

A grande tragédia  
dá-se ao Sol do meio dia,  
na hora solitária.

A grande tragédia  
dá-se ao Sol do meio dia,  
na hora perpendicular,  
equidistante da aurora  
e do crepúsculo.

Nenhum coração está pronto  
para tanta luz,  
escondem vãos escuros,  
anseiam pela penumbra,  
noite, pecado e chuva.

Ao Sol do meio dia  
as Igrejas são pequenos paraísos.  
Doces favos de fé,  
úmidas frutas secas  
que guardam dentro  
sombra e salvação.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre a luz e a sombra.*

48



**OCTETO LÍRICO**

***OITAVAS DAS AFECÇÕES PRIMÁRIAS***



## DILEMA LUNAR

É preciso lapidar a lua,  
cada dia um pouco,  
como uma gema.  
Usar poeira de ideias,  
olhares que erodem  
e palavras afiadas.

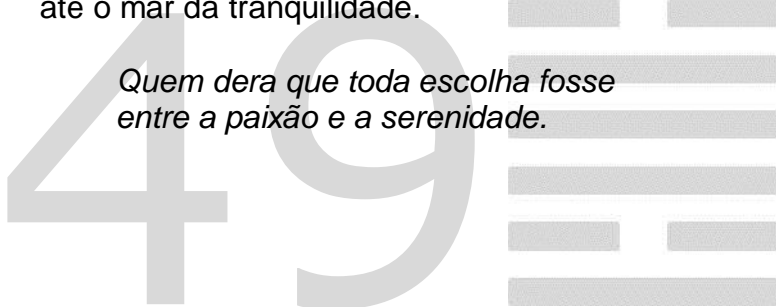
Atravessar o oceano proceloso  
e cruzar os picos das paixões.

À noite desdobrar o veludo negro  
e recomeçar o trabalho:  
o vasto desbaste da insônia,  
o exato corte dos sonhos  
para esconder a jaça dos pesadelos.

Nunca se satisfazer  
porque a obra é infinita  
como o desejo.

É preciso ter os olhos cerrados,  
a respiração controlada  
e ser incisivo no golpe,  
para levar a mulher amada  
até o mar da tranquilidade.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre a paixão e a serenidade.*



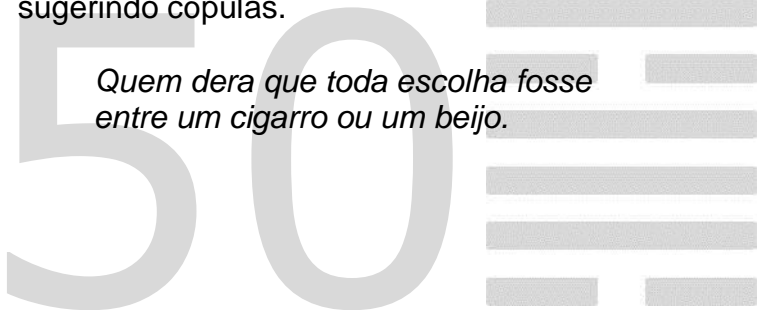
## DILEMA DA BORBOLETA

E veio a noite  
e veio a chuva  
e vieram muitas coisas mais,  
como os espectros e fantasmas.  
Estes porque invocados  
pela hora intempestiva  
que vem depois da tormenta.

E veio a noite  
e veio a chuva  
que lavou os pecado do dia  
e deixou tudo tão virginal  
que uma nuvem de borboletas  
de asas fosforescentes  
se anunciou.

Ébrias e bacantes,  
notívagas e hesitantes,  
pousavam nas brasas dos cigarros,  
nas taças de vinho,  
nas unhas pintadas,  
nas voláteis mãos dos fantasmas,  
na boca vermelha de Helena.  
Simulando beijos,  
sugerindo cópulas.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre um cigarro ou um beijo.*





## DILEMA DO ANJO TORTUOSO

Promontório de assombros,  
rigorosos devaneios,  
revoltas ontológicas,  
obviedades metafísicas,  
somatório de perplexidades.

Talho barroco e minimalista.

Um *gauche*, um anjo torto,  
tortuoso e torturado,  
procurando voltar ao céu.

E-mail para Helena:

*Por trás dessa face serena  
ainda estás empinada e aérea  
feito pandorga descabeçada,  
desequilibrando a improvável  
geometria azul do céu.*

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre anjos e demônios.*



## DILEMA DO DOPPELGÄNGER

Duplo de mim há um outro que abomino  
e tanto odeio quanto se lhe pareço,  
comecei a matá-lo desde menino  
e na prática deste crime envelheço.

Procuro purgar sua sombra escura,  
decantar esse demônio espesso,  
afastar de mim essa parte impura  
que amalgama meu fim e meu começo.

Temos em comum o mesmo destino,  
dividimos a mesma sorte obscura  
e nos seus gestos eu me reconheço.

Em nosso olhar espreita o assassino  
que precipitará a última loucura,  
cometendo suicídio pelo avesso.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre eu e o outro*



## DILEMA CASUAL

Seus olhos navegam mares  
como dois barcos românticos,  
partindo de portos antigos  
chegam no amanhã antes.

Seus olhos brincam com fogo  
como crianças com fósforos,  
insuflando cosmogonias  
com descaso, prazer e ócio.

Seus olhos são dois planetas  
velados por opacos mistérios  
verdes, nublados e etéreos.

Como as coisas simples e sérias,  
melhor ditas numa elipse,  
seus olhos se fecham num eclipse.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre o barco e o porto.*



## DILEMA DO TROVÃO E DO LAGO

As varetas e o cosmo conjurados  
numa sutil e convergente trama,  
pelas parcas linhas do hexagrama  
vários futuros são revelados.

Em cima sonhos ameaçados,  
um trovão o céu escuro inflama;  
em baixo, chuva morna se derrama  
num lago de remansos e cuidados.

Este é o dilema, vasto e temerário,  
que a imagem do lago e trovão alude  
e que o I Ching insiste em propor:

Nenhuma culpa, diz o comentário,  
quem procura amor sem inquietude,  
se afasta da plenitude do amor.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre alegria e tristeza.*



## DILEMA DO URSO E DO MEL

Num mundo de prazeres simples,  
os ursos  
se rendem ao fascínio do mel:  
doce, impudico e irresistível.

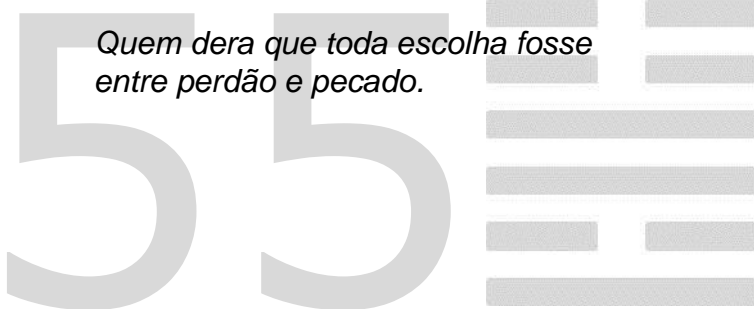
As abelhas,  
como pecados tolerados,  
esvoaçam ao redor.  
Mas a grossa pele provê  
proteção e perdão.

No homem  
a ligação fortuita  
entre o prazer do corpo  
e o deleite da alma  
promete o paraíso terrestre.

Mas na fissura abismal  
que separa corpo e alma  
subsiste a mácula  
do pecado original.

Uma vez que é impraticável soldar as partes,  
que Deus permita que o remorso se abraque.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre perdão e pecado.*



## DILEMA DO SACO DE GATOS

No cio encontramos musas  
presas em sacos de gatos,  
se debatendo.

Declamam versos rascantes,  
perfeitamente escandidos  
mas cifrados.

Como um bêbado fora de hora  
que atira a garrafa no gato  
e erra e ri.

As musas dentro do saco,  
(sereias semi amordaçadas),  
fascinam,  
feito alçapão de passarinho,  
arremedo grosseiro e banal  
do Mal.

Cheiram o cheiro barato,  
álacre, das prostitutas passadas.

Se abrimos os sacos,  
soltarmos as prostitutas, sereias, musas...  
Incendiarmos as florestas,  
as mentes, os corações, as entranhas...

Nem assim evitaremos o dom, a inspiração  
e todas estas coisas misteriosas  
que nos falam e não compreendemos.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre tentação e tesão.*

**OCTETO INFINITO**

***OITAVAS DE TUDO QUE RESTA***





## DILEMA DA NEGAÇÃO

Não o instrumento  
nem o intérprete,  
mas a música de ambos.

Não o leito do rio  
mas a água alquímica  
que nele corre.

Não interessa a pomba,  
nem o céu, nem a trajetória,  
mas o êxtase do voo.

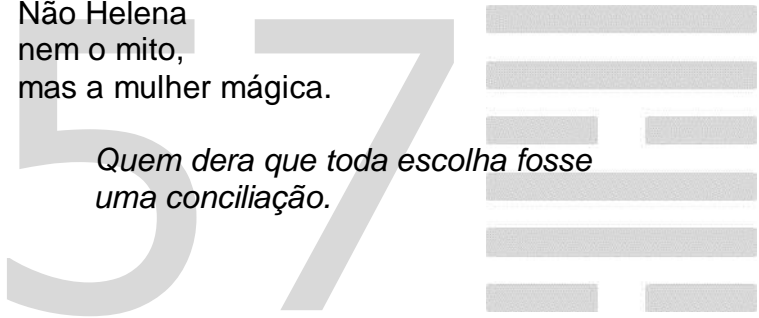
Não escrever versos  
nem construir armas,  
mas rimas de gumes de espada.

Não enfrentar o Sol,  
mas urdir com ele  
o acolhimento da sombra.

Não o cavalo  
nem o cavaleiro,  
mas a transubstanciação no centauro.

Não Helena  
nem o mito,  
mas a mulher mágica.

*Quem dera que toda escolha fosse  
uma conciliação.*



## DILEMA HAGIOGRÁFICO

No tombadilho, sob a vela,  
vela o moço e tenta vê-la.  
Ver primeiro a primeira estrela.  
Está ela no horizonte e aponta  
na ponta de uma cruz,  
que luz p'ra glória de Nosso Senhor.

Na amurada, altas horas,  
ora a Deus e a noite sonda.  
Som das ondas na terra nova;  
nova terra onde os santos  
são todos soldados prontos,  
postos p'ra glória de Nosso Senhor.

Mente inquieta,  
coração de prontidão.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre Deus e o diabo.*



## DILEMA DA FOME

Há de haver o dia  
de mastigar emoções  
e saber o amor e a amizade.

Há de haver o dia  
de provar sentimentos  
como se fossem comidas picantes.  
Dissolver a saudade na boca  
como se fosse um suspiro.

Há de haver o dia  
que viver será um banquete:  
amar quando tiver fome  
e ser saciado pelo perdão.

Há de haver o dia  
que feras abúlicas  
roubarão as emoções alheias.

Há de haver o dia  
que ficando ao Sol  
será possível recebê-lo,  
como Deus recebe preces.

Há de haver o dia  
de mastigar estrelas  
e saber Canopus e Altair.  
Engolir uma constelação inteira,  
mastigar grandes pedaços do Sol  
como quem come algodão doce.

Poder beber toda a chuva  
e mastigar toda beleza  
procurando se fartar.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre tutti-fruti ou hortelã.*



## DILEMA DO SONO

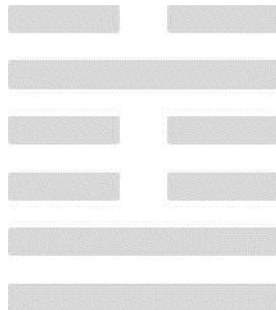
O sono chega devagar,  
impressentido e sub-reptício  
como quem conhece o ofício  
e sabe conduzir o ato  
para o momento exato  
da hipnopedia da morte.

O sono chega repentino,  
engata em qualquer filme,  
joga em qualquer time  
e entra em toda história  
porque sabe que a vitória  
é a postergação da morte.

O sono chega insinuante,  
enche de cera os ouvidos,  
nubla todos os sentidos  
e invade o reto juízo,  
porque sabe que o paraíso  
e a antecâmara da morte

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre o sono e a vigília.*

60



## DILEMA DA CERVEJA

As vezes a alma parece  
pequena e encolhida,  
presa dentro de um corpo  
enorme e desajeitado.

Feito uma mosca  
presa numa lata de cerveja  
amassada,  
emborcada na praia.

Um mundo oco  
cheio de ecos,  
ranço de álcool  
e cheiro de tédio.

O espaço que sobra a solidão preenche.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre a Brahma ou Antarctica.*



## DILEMA DA SERPENTE

A serpente que desliza nos galhos da árvore  
é um enigma, perigoso e contorcido,  
como a nossa vontade.

Que bom se a sabedoria fosse como um balde  
que descesse ao fundo do poço  
e de lá voltasse cheia.

O amor nunca tem motivos para acontecer  
é uma celebração de encantamento,  
como os fogos de artifício.

Que bom se a vida fosse como um elétron,  
cuja única preocupação  
é girar em torno do núcleo.

Qual o engodo proposto pela serpente?

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre comer ou não o fruto.*



## DILEMA DOS SENTIMENTOS

No outro odiamos  
o que em nós  
não conseguimos amar.

O amor é cego,  
o ciúme tem olhos verdes.

*Na luminosidade prateada da lua cheia,  
Helena, de oblíquos olhos dissimulados,  
compreendeu:  
porque as paredes existem,  
as janelas são necessárias.*

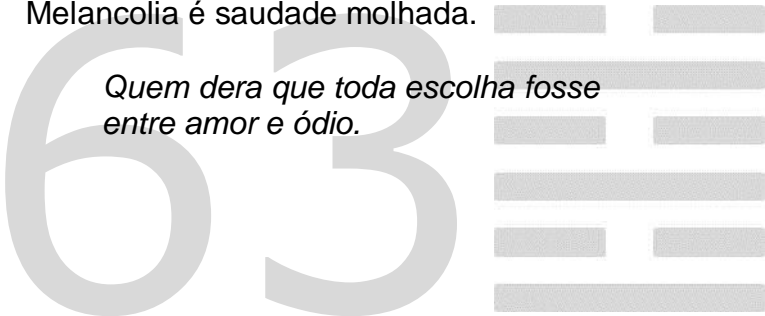
A solidão é míope,  
a felicidade tem lentes róseas.

O arado penteou a terra  
e quando a chuva chegou  
ela estava enfeitada  
para receber a semente.

O desprezo é vesgo,  
o ódio tem mil olhos...

Melancolia é saudade molhada.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre amor e ódio.*



## DILEMA SUBVERSIVO

A alma é uma guerrilheira  
de certezas bailarinas  
que prepara camuflada  
utópicos coquetéis  
para explodir o coração..

Subterrânea e clandestina  
conspira rebeliões  
contra as injustas leis do tempo.

Prisioneira

De um corpo envelhecido  
de sonhos arruinados,  
ideias embalsamadas  
e desejos corrompidos.

Capaz de qualquer conchavo  
para deter a inelutável  
degenerescência da morte.

*Quem dera que toda escolha fosse  
entre o corpo e a alma.*





## POSFÁCIO

### ***EXPLICAÇÕES DERRADEIRAS***

O título óbvio do livro é a prosaica totalização dos 64 poemas chamados '*Dilema...*' que compõem a coleção. Contudo tanto '64' quando '*Dilema*' têm diversas outras conotações, algumas interligadas, que serviram de inspiração e enformaram este ciclo de poesias.

#### **64 / *SESSENTA E QUATRO***

#### ***A 'Revolução' de 64***

Foi o marco maior da minha geração. Quando comecei a me interessar por Política, o primeiro desafio era entender 64. No colégio, na faculdade, o ano da '*Revolução*' era uma referência obrigatória, datar o assunto de pré ou pós 64 mudava o contexto inteiro da conversa.

Sempre me senti um pouco incomodado com 64, parecia que a '*Revolução*' havia me privado de um futuro prenhe de promessas e maravilhas. Culturalmente foi uma baliza, uma linha divisória que a todo momento era obrigado a cruzar. Um sinal binário — antes ou depois — que mudou meu destino.

### **64 hexagramas**

De todas as tiragens de sorte e sistemas preditivos o *I Ching* é o que mais desperta meu interesse, porque é o melhor estruturado, melhor documentado e mais racional esquema de especular o futuro.

Todo método divinatório é uma tentativa de simplificar e entender a incomensurável complexidade do universo que nos cerca. E o *I Ching* é a mais minimalista e lógica das tiragens. Durante milênios grandes mentes se debruçaram sobre seus mistérios, peculiaridades e regras deixando registros escritos que se confundem com o cerne da Filosofia e da Poesia oriental.

O princípio é singelo e binário: uma linha inteira e uma linha interrompida — *aí entra a sacada magistral que põe a 'máquina do mundo' para funcionar* — em certas situações, uma linha pode se transformar na outra — *yin yang*. A 'tiragem da sorte', por moedas ou varetas, é a intervenção do fortuito no processo (*Um lance de dados jamais abolirá o acaso* — Mallarmé), porém os resultados são dúbios e

transitórios, podem apontar uma linha estável ou uma linha em transformação. Esta mutação sempre em andamento representa a pereneção da sorte, do casual e do destino na fortuna e na vida humana, Também, como ensinou Jung, pressupõe a sincronicidade de todas as coisas.

Deste princípio simples, um conjunto de seis linhas, contínuas ou interrompidas, resulta os 64 hexagramas. 64 figuras que se propõem a explicar o universo: coisas físicas, vontades, desejos, erros, acertos, vitórias, derrotas, intenções, subterfúgios... Ou seja, toda a matéria com que se faz Poesia.

### ***64 casas do tabuleiro de xadrez***

O xadrez é uma velha metáfora da guerra, da vida e do mundo. Um tabuleiro de 64 casas, pretas e brancas, e 32 peças bicolores, um arranjo capaz de emular todas as incontáveis experiências humanas. Os artistas gostam de explorar a ideia de jogar xadrez contra a Morte, reiterando que o xadrez é uma alegoria dos limites e das vicissitudes do ser humano.

O jogo é paradigma da mais elevada sabedoria. O sistema estruturado mais complexo operado pelo homem, um repto aos limites da mente racional.

Daí veio o *Deep Blue*, um computador, e derrotou Kasparov, o campeão indicado pela

raça humana para defendê-la. O que foi isso? Um alerta contra a vanglória? Um lembrete do perene perigo da Queda? Um aviso que o homem deu um salto quântico, e com ajuda do computador, superou os horizontes mentais do jogo de xadrez? Ou será uma hipérbole, um recurso da Poesia exagerada.

### **64 bits**

A informática herdou as singularidades do 64. Ainda hoje 64 é uma espécie de limite das informações (bits, 0 ou 1) processadas a cada passo, a cada instância, pelos microprocessadores. E a tendência não é pular para 128 e 256, mas montar conjuntos de núcleos de chips de 64 bits operados coordenadamente. O que isso significa? Um marco místico? Uma barreira para a complexidade? Um daqueles números inextrincáveis que são parte da trama íntima do universo? Uma fronteira aleatória e gratuita? Ou uma perplexidade própria da Poesia.

## **DILEMAS / ESCOLHAS**

Escolher alguma coisa é fácil, difícil é renunciar ao resto. Ir ou não ir, amar ou não amar, crer ou não crer, ser ou não ser, os DILEMAS estão presentes em cada ação humana. Na origem de tudo existe um DILEMA, uma escolha simples e binária. O número 64 é o infinito ao quadrado ('∞', o 8 deitado), repre-

senta e emula o incomensurável, a nebulosa fronteira mental do homem; entretanto, são os DILEMAS, as escolhas, as opções compulsórias, sempre simples e binárias, que constroem a trama de todos os sistemas. Uma decisão — entre não mais que duas alternativas — é o começo e o fim de tudo. Talvez os poemas ‘Se’, de Kipling, e ‘Ou Isto ou Aquilo’, de Cecília Meireles, também pudessem se chamar DILEMAS.

Gosto de pensar que a dimensão trágica da humanidade reside nesta compulsão primordial e renitente que nos conduz para os DILEMAS. Porque em toda escolha, mesmo nas mais comuns — nos DILEMAS — está presente a renúncia, nossa limitação original: a finitude. Não podemos querer tudo, só uma parte.

Enfrentar um DILEMA é a mais excruciante e dolorida das afecções humanas. A incerteza e o arrependimento são as origens de todas as neuroses. Certamente a maldição da escolha é mais radical e definitiva marca de humanidade, esse *cão sem plumas* nem pelos, o melhor amigo de Deus.

Se 64 representa a dimensão do perímetro humano no universo; então os DILEMAS expõem as vicissitudes derradeiras do homem. Os interstícios, entre as duas partes, a Poesia tenta preencher.

Douglas Bock  
*Janeiro/2013*



